

**“CULTURAL STUDIES AND RACE”, DE ROBERT STAM (2001)**

**Ana Filipa Matos Maia**

Investigadora independente na área dos

Estudos Culturais, Género e Media

anafilipa.m.maia@gmail.com

Robert Stam, professor de Estudos Cinematográficos na Escola de Artes Tisch (Universidade de Nova Iorque), é o autor do artigo “Cultural Studies and Race”, o vigésimo sétimo capítulo da obra *A Companion to Cultural Studies*. Esta obra foi publicada primeiramente em agosto de 2001 pela editora Blackwell e editada por Toby Miller, reunindo artigos recentes sobre tendências críticas no âmbito dos estudos culturais.

“Cultural Studies and Race” é um artigo-síntese que abrange temáticas relacionadas com estudos sobre raça pela perspectiva dos estudos culturais. Está dividido em sete partes ou secções, “The Racialing of Structuralism”, “Multiculturalism and Eurocentrism”, “Race and Racism”, “Stereotype and the Burden of Representation”, “Culture in the Multination State”, “Whiteness Studies” e “From Cultural Studies to Multicultural Studies”.

O autor começa por contextualizar e destacar o impacto das questões relacionadas com raça nos estudos culturais e afirma que a relação entre ambos poderá ter começado com a própria história dos estudos culturais – convencionalmente associada à década de 1960 e a teóricos como Richard Hoggard, Raymond Williams e Stuart Hall, ligados ao Centre for Contemporary Studies da Universidade de Birmingham. Contudo, Stam crê que é possível ver uma genealogia mais vasta e internacional para os estudos culturais. Sugere que o movimento teve as influências, por exemplo, de Roland Barthes e Henri Lefebvre em França, Leslie Fiedler nos Estados Unidos da América e C.L.R. James nas Caraíbas. Sugere ainda que os primeiros passos terão sido dados na década de 1920 e que se deveria

chamar a atenção para os “heróis não cantados”, os percursores que anteciparam algumas questões fulcrais na crítica sobre raça, destacando Mário de Andrade e Frantz Fanon. Em Fanon reconhece um precursor na crítica ao que seria mais tarde denominado o discurso oriental, vendo a raça como uma construção situada, presente e difundida pela linguagem.

Na primeira secção, “The Racing of Structuralism”, Stam apresenta duas grandes influências nos estudos culturais, o estruturalismo e a semiótica, dando bastante maior enfoque ao estruturalismo. Contextualiza-o historicamente, aquando da descolonização e da desintegração dos últimos impérios europeus, em que a Europa perdeu gradualmente a sua posição de modelo para o mundo. Nesse contexto, destaca o papel de Lévi-Strauss, fundamental na viragem de paradigma, contribuindo para a passagem de modelos biológicos para modelos linguísticos, recusando a abordagem da antropologia biológica que sustentava sobremaneira o antissemitismo e o racismo.

Stam recorda Jacques Derrida ao afirmar que a cultura Europeia tem sido “deslocada” e forçada a parar de se proclamar “a cultura de referência”. O estruturalismo e o pós-estruturalismo coincidem, assim, neste momento de autocrítica e de crise de legitimação. Insistindo na descentralização das origens e contributos, salienta que muitos teóricos da corrente estruturalista e pós-estruturalista estavam ligados a outros países. Em Inglaterra, os estudos culturais começaram por ser mais orientados para as questões de classe e só posteriormente emergiram as questões de género e raça. Nos finais da década de 1970, o Grupo de Estudos sobre as Mulheres (Women’s Study Group) lamentou a ausência de visibilidade das temáticas feministas no campo de estudos do Centro de Birmingham. Na década seguinte, os estudos culturais começaram a prestar mais atenção a tais questões, pressionados pela crítica interna e pelos estudos realizados nos Estados Unidos da América – tradicionalmente mais orientados para as questões de género e raça do que de classe social.

“Multiculturalism and Eurocentrism” é a segunda secção temática do artigo. Segundo o autor, o multiculturalismo tornou-se, nos anos 80, um conceito que evocava o ataque à supremacia *branca*, às suas instituições e modos de pensar mas, para Stam, é um ataque sobretudo ao Eurocentrismo. O Eurocentrismo é a perspetiva paradigmática de que a Europa é a única fonte de progresso, o motor para a democracia e para a sociedade de classes, para o feudalismo, o capitalismo e para a industrialização, o centro de gravidade do mundo – na qual reside o discurso colonialista, imperialista e racista.

O Eurocentrismo bifurca o mundo em hierarquias binárias e comparativas a partir de um ângulo privilegiado de “Eu” e o “Outro, o “Ocidente” e o “Oriente”, “bom” e “mau”, respetivamente, e estas hierarquias estão organizadas também na linguagem quotidiana. Existe uma relação opressiva sobre os “outros”, e o autor destaca relações de subordinação e de dominação internas e externas. Stam acrescenta que o projeto multicultural propõe uma análise da história e da vida social contemporânea pela perspectiva da igualdade radical de *status*, inteligência e direitos, mas que *projeto* multicultural não é sinónimo de *facto* multicultural. Conclui que nenhuma comunidade ou parte do mundo, independentemente do seu poder político ou económico, deverá ser “epistemologicamente privilegiada”.

Em “Race and Racism” é abordado o conceito de racismo como relação social. É sugerido que não existe “raça”, sendo somente um conceito pseudocientífico, mas que “racismo”, enquanto conjunto de práticas sociais, existe de facto. Por analogia, não existe o “outro”, existem apenas processos de alteridade. A relação social do racismo está ancorada nas relações de poder, nas práticas institucionais e no discurso e cimenta profundas raízes psíquicas no medo do “outro”, atitudes de fobia em relação à natureza e ao corpo. O autor afirma ainda que mais importante do que saber qual a base opressiva dominante é compreender intersecções entre antissemitismo, racismo, sexismo, classismo, homofobia e qualquer outro tipo de representação discriminatória.

A quarta secção do artigo denominada “Stereotype and the Burden of Representation” trata questões simbólicas que sustentam as práticas (con)textuais do racismo. Stam recupera a expressão “burden of representation” (“fardo da representação”, em tradução livre) de James Baldwin para lhe dar título. Pensa a imitação e a representação como delegações simbólicas de voz e de poder, em que a realidade é distorcida por meio de estereótipos, imagens e papéis negativos de grupos sub-representados, que se vão generalizando e naturalizando.

Robert Stam defende que a compreensão da representação fílmica requer uma análise exaustiva às instituições que geram e distribuem os textos mediáticos, bem como o público ou audiência que os recebe. O autor acredita que os estudos culturais precisam de se preocupar com o consumo/receção mas também com a produção de conteúdos, pois os filmes e os programas televisivos criam e difundem representações assimétricas e

preconceitos. Conclui que a tarefa dos/as críticos/as será chamar à atenção para as várias vozes e não apenas para aquelas que facilmente são ouvidas.

“Culture in the Multination State” é a secção mais longa deste artigo e utiliza-se a teoria fílmica e os *media* para pensar a temática da raça. Stam considera que, na atualidade pós-colonial e globalizada, todas as culturas são, de algum modo, multiculturas e, à sua semelhança, os estados-nação são estados multinacionais. Também na cultura popular, na música, no cinema e na linguagem comum encontramos termos que refletem a multiplicidade de influências (i.e. “melhor filme estrangeiro”). Todavia, o autor afirma que a cultura popular e a cultura de massas estão repletas de estereótipos, histórias de repressão e traços de racismo e adianta que as políticas de representação racial não foram desenvolvidas de forma completamente inconsciente.

A temática “Whiteness Studies” pretende analisar o impacto do racismo nas vítimas e nos/as perpetradores/as. É esta a sexta secção. Apesar de a discriminação pela cor estar ao nível da ficção, sem bases científicas que a sustentem, tornou-se um facto social, “com consequências reais de distribuição de riqueza, prestígio e oportunidade” (Lipsitz, 2004 *apud* Stam). George Lipsitz é um dos autores citados por Robert Stam, mas salienta ainda os trabalhos de Toni Morrison, bell hooks, George Yúdice, Nelson Rodriguez e Richard Dryer, nomeadamente. Esses trabalhos e estudos contribuíram para desnaturalizar a normatividade *branca* e apelar à consciencialização das desigualdades sociais. Contudo, Stam alerta para a necessidade de analisar a questão através de categorias de diferença sem ser exclusivamente a de *branco vs negro*, sendo fundamental manter um sentido híbrido de relatividade entre comunidades com múltiplas especificidades e afastar um discurso demasiado sintético e redutor.

Com “From Cultural Studies to Multicultural Studies” o autor finaliza o artigo propondo que se fale de estudos multiculturais ao invés de estudos culturais, já que todas as culturas são multiculturas. Acrescenta que várias subcorrentes daí emergem, como a análise dos discursos e representação das minorias; o trabalho sobre o discurso colonial e pós-colonial e o trabalho da pedagogia para os *media* antirracistas e multiculturais. Sugere que é tempo de pensar em estudos multiculturais comparados, pois a natureza global do processo colonial e o global alcance dos *media* obrigam a que a crítica cultural se mova para além da moldura do estado-nação.

Stam conclui o seu artigo levantando algumas questões fundamentais, (i.e. *Como variam as imagens dos/as negros/as de cultura para cultura?* ou *Como é representada a escravatura no cinema no Atlântico Negro?*) e defende que estes estudos são um primeiro passo para a desprovincialização da discussão sobre os estudos culturais, que se têm concentrado sobretudo nas temáticas da representação anglo-americanas.

“Cultural Studies and Race” surge como uma sinopse da evolução dos estudos culturais e da sua crescente preocupação não só com raça, mas também com questões de género, religião, sexualidade e etnicidade. Robert Stam procura demonstrar que os estudos culturais têm tido contributos pioneiros e diversos, para além dos tradicionais cânones e centros anglo-americanos. Fá-lo trazendo horizontes históricos e geográficos mais vastos, abordando novas perspectivas e temáticas, dando voz a contributos das margens e facilitando um diálogo transdisciplinar. O recurso aos *media* e aos estudos cinematográficos são uma mais-valia para compreender a difusão das práticas de opressão e subordinação, os discursos de poder e as ideologias dominantes – porém, poderia ter sido enriquecedor refletir mais sobre o papel de outras artes para além do cinema e da música, nomeadamente a literatura, abordada mais superficialmente.

Ao longo do artigo, o autor dá visibilidade a um conjunto de teóricos/as e obras de múltiplas origens, deixando um trilha abundante de contribuições que os/as leitores/as poderão desejar aprofundar e discutir. Levanta várias questões determinantes e cumpre a função de consciencialização e crítica dos desequilíbrios de poder e desigualdades sociais, neste caso a questão do racismo, tal como é função primordial dos estudos culturais.

### **Referências bibliográficas**

STAM, Robert (2008) “Cultural Studies and Race”, in *A Companion to Cultural Studies* (ed Toby Miller), Chapter 27, pp.471-489, Blackwell Publishing Ltd.

*Robert P. Stam – Professor*, Tisch School, Cinema Studies: Faculty Directory, disponível em: <http://tisch.nyu.edu/about/directory/cinema-studies/108730020>, consultado em 02-11-2016.